



# O MAESTRO E A MELODIA

## *que embalam os ambientes hospitalares*

POR ROSANA OLIVEIRA | FOTOS DE DRIKA BARBOSA

Clínico se dedica a reger uma orquestra que embala hospitais em todo o país. Levando música clássica aos pacientes e profissionais da Saúde, Samir Rahme acredita em uma íntima relação entre a Medicina e a música

Quem nunca ouviu música e depois se sentiu mais alegre, mais relaxado e mais bem-humorado? Harmonia, tranquilidade e paz: estes são só alguns dos adjetivos que muitas vezes são relacionados a ela. Estudos mostram que são inúmeros os benefícios que a música pode trazer para o ser humano. E se ela fosse propagada para tirar os ouvidos da rotina e humanizar ambientes hospitalares? É esta a proposta da orquestra Limiar, que fica na cidade de Juiz de Fora (MG).

Nesta edição, a **Revista DOC** entrevistou o clínico médico e especialista em Medicina Antroposófica, Samir Rahme, regente da orquestra. À frente do projeto *Música nos hospitais* há aproximadamente nove anos, o

médico conta a seguir um pouco da experiência de ser maestro e tocar em hospitais.

O projeto consiste em levar música clássica em unidades hospitalares com o objetivo de torná-los ambientes mais agradáveis para pacientes, funcionários e visitantes. A orquestra, que conta com a participação de 14 músicos, já se apresentou para cerca de 30 mil pessoas em mais de 100 instituições de saúde em todo o país.

**DOC – Como surgiu seu interesse pela música?**

**Samir Rahme** – Meu interesse pela música vem desde pequeno. Tenho uma relação com a música bem estreita. Minha primeira opção quando prestei vestibular

foi Medicina, mas, quando tive a oportunidade, prestei vestibular para Composição e Regência e cursei, durante seis anos, a faculdade que era meu grande sonho. Formei-me em 2002 pela Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). Algumas pessoas acreditam que sou maestro por conta do acaso, mas, pelo contrário, estudei para isso.

**DOC – Como surgiu o projeto Música nos hospitais?**

**SR** – O projeto surgiu a partir da iniciativa do diretor da Associação Paulista de Medicina (APM), José Luiz Gomes do Amaral, que percebeu a dificuldade dos médicos em participar de atividades culturais.



*“Uma canção interpretada ao vivo consegue atingir muito mais a popularidade do que uma gravação”*

Com o objetivo de levar música até eles, o diretor criou o projeto *Música ao meio-dia* com a orquestra da Unesp há quase dez anos. Depois de enfrentar alguns problemas, a orquestra parou de se apresentar. Fui convidado para dar continuidade ao projeto após o diretor ter visto o DVD de um evento médico, no qual participei com alguns amigos músicos. A partir de 2003, o projeto passou a se chamar *Música nos hospitais*, com a orquestra do Limiar.

**DOC – Em que consiste o projeto?**

**SR** – Levar música de qualidade e específica para o ambiente hospitalar, tanto faz se for para os pacientes, para os acompanhantes ou para o corpo clínico inteiro, ou seja, para quem estiver lá. E, além disso, tem caráter cultural de incentivar a produção de peças musicais. O *Música nos hospitais* recebe doação de verbas para contratação de peças produzidas por compositores nacionais. Eles escrevem para a orquestra músicas com o perfil do brasileiro. São peças concisas, mas que têm a intenção de maravilhar as pessoas que estão lá por causa da música.

**DOC – O Música nos hospitais já se apresentou em mais de cem instituições de saúde no país. Como você concilia o projeto com a prática da Medicina?**

**SR** – Ser clínico geral, trabalhar com Medicina Antroposófica e ter um consultório particular são fatores que contribuem para que eu possa conciliar as duas atividades. Além disso, minha família também precisa de atenção. Então, temos um ensaio por semana na Associação Paulista de Medicina e neste tentamos resolver musicalmente tudo que precisamos. Quando é necessário, fazemos um ensaio extra, mas é raro. Normalmente, as apresentações acontecem duas vezes por mês.

**DOC – Já pensou em algum momento abdicar da Medicina pela música?**

**SR** – Tenho um amigo que diz que tenho um pé em cada profissão. E é verdade: tenho uma ligação muito forte com as duas atividades. A Medicina Antroposófica é muito artística: é de percepção do paciente em um nível mais profundo. Então uma atividade está ligada à outra. A música me ajuda a ter mais percepção

da Medicina e a Medicina me dá subsídios para estar na música.

**DOC – O projeto ajuda na humanização dos hospitais, mas e para você? Que benefícios lhe trouxe?**

**SR** – Para mim, o projeto une as minhas duas paixões: a música e a Medicina. Posso levar um trabalho estruturado para dentro dos hospitais. Algumas pessoas me questionam se o que faço é Musicoterapia. Eu digo que não. Musicoterapia é outra coisa, é específica de um profissional que trabalha toda semana. O que a gente faz é levar um produto pronto para o hospital, que terá uma profunda função terapêutica no momento. O que a gente faz é proporcionar um momento de muita descontração através da música.

**DOC – Como significa para os músicos trabalharem nesse projeto?**

**SR** – A orquestra Limiar tem 14 jovens entre 18 e 33 anos. Sempre faço um treinamento com eles logo após a apresentação principal, que é dividir a orquestra em três quartetos e um dueto para que possam



tocar nos andares, nas UTIs e, muitas vezes, em ambientes com doentes mais graves. Para quem está tocando na orquestra comigo há mais tempo, hoje eles se sentem mais gratos do que antes, quando eles tocavam somente no saguão. Tocar no saguão do hospital é como tocar no teatro. Eles se sentem muito mais úteis como músicos por estarem levando um conforto através da arte para quem precisa.

**DOC – A Medicina exige muita dedicação e estudo, assim como a música. Que tipo de preparo é necessário para reger uma orquestra?**

**SR –** Para as apresentações, a gente sempre tem que renovar o repertório. Ensaíamos as técnicas de regência e as técnicas para tocar. Acontece uma coisa muito interessante: há músicas que a gente começa a ensaiar no início do ano, mas elas, em especial, vão acompanhar o projeto o ano inteiro. São músicas que consideramos peças-chave. No entanto, é preciso mudar um pouco o programa, caso contrário, torna-se desinteressante ensaiar sempre a mesma coisa.

*“A música me ajuda a ter mais percepção da Medicina e a Medicina me dá subsídios para estar na música”*

**DOC – O que sua família acha? E seus filhos: algum teve vontade de seguir uma das suas duas carreiras?**

**SR –** Minha esposa é médica e também faz Medicina Antroposófica. Tenho uma filha de 26 anos que é designer, um filho de 24 anos que faz Engenharia e uma filha mais nova que mais se aproximou da gente, porque faz Fisioterapia. Nenhum deles optou pela Medicina. As duas meninas estudaram piano durante muito tempo e, de vez em quando, tocam. Já o menino estudou bateria e atualmente ele é o pianista da família. Acredito que esteja

se tornando músico, mas por força de vontade dele.

**DOC – A Medicina e a música clássica se completam?**

**SR –** Acho que sim, por causa da forma. A música tem tudo que a gente precisa. Ela tem forma específica, melodia e harmonia. A harmonia significa que tudo deve soar junto e com consonância, com beleza. A música em si forma um conjunto de belezas. Ela é uma arte que acontece no tempo. Uma canção interpretada ao vivo consegue atingir mais a popularidade do que uma gravação.

**DOC – De onde vem sua inspiração?**

**SR –** Só em estar com o público minha inspiração já vem. Tenho um lado meio “Chacrinha”, porque gosto de conversar com a plateia. Tenho uma relação com o público muito boa. Gosto de conversar e trazê-lo o mais próximo possível da orquestra. Não existe para nós a separação entre plateia e músicos. É através desse diálogo que buscamos a inspiração. ■